

LITERATURA E BIBLIOTECA DE PSICANALISANTE

Apresentação:

Ao incluir o título do Romance de Gérard Haddad, *O dia em que Lacan me adotou*, na lista de livros a serem comentados no programa *Leituras: Janelas para o mundo* da Livraria Saraiva, logo lembrei em convidar o Caon para participar da apresentação. Eu já sabia que quando de sua estada em Paris, ele conhecera Haddad pessoalmente. Eu mesmo, embora tenha tido várias referências sobre sua pessoa, nunca tive o privilégio de conhecer Haddad. Além de com esse convite ter Haddad um pouco mais próximo, o José Luiz Caon, colega e amigo de muitos anos, estudioso profundo da teoria psicanalítica e dono de uma longa prática, por certo enriqueceria os comentários.

Caon – o que não chegou a ser exatamente uma surpresa, pois ele sempre supera as expectativas –, fez mais: levado pela importância do relato de Haddad, e estando ele mesmo empenhado no estudo dos relatos de análise, nos presenteou com um relato de suas diversas análises no caminho de sua própria formação analítica. Como verão, nenhuma análise é sem suas atribuições! A persistência é um elemento imprescindível.

Os preconceitos característicos da época em que iniciamos nossa formação terminaram por constituir-se em um capítulo a mais em nossos estudos.

Simpático e delicado, J.L.Caon dedicou seu relato a mim e minha mulher, pelo que agradeço.

Luiz-Olyntho Telles da Silva

* * *

LITERATURA E BIBLIOTECA DE PSICANALISANTE

Por jlcaon@terra.com.br

Para Luiz-Olynto Telles da Silva e sua Glória,
incansáveis e perseverantes.

O relato de uma psicanálise, o resumo de seus efeitos, constitui, a partir de alguns bons sucessos de livraria e de teatro, um gênero literário em si, muito bem vindo, às vezes.

G. HADDAD, *O dia em que Lacan me adotou*, p.13.

Faites comme moi mais ne m'imitiez pas.
(Façam como eu sem me imitar)
J.LACAN



Na minha juventude, entre 20 e 30 anos, eu tinha um gravador, *Geloso*, que me prestou muitos serviços. Inclusive, me apareceu num sonho.

Era 1966. Lages, Santa Catarina. Naqueles tempos, uma vez por semana, era apresentado um filme *cult*. Então se chamavam *filmes de cinema de arte*.

Pois, foi em 1966, quando assisti, por vez primeira, ao filme estrelado por Montgomery Clift, *Freud Além da alma*. Eu assistira, uns dez anos antes, ao filme *Torturas do silêncio*, dirigido por Hitchcock, também estrelado por Montgomery Clift.

Esse último filme, *mutatis mutandis*, mostra exemplarmente como se deve tratar o segredo profissional e por isso o recomendo a todos os que querem exercer a psicanálise.

Já o primeiro filme, *Freud além da alma*, é, por sua vez, exemplo de coragem e fidelidade ao próprio desejo e nem é preciso recomendá-lo. Atualmente, não há quem não o tenha visto não uma, mas diversas vezes.

Pois, na noite depois de ter assistido ao filme, em 1966, eu tive um sonho. No sonho, fizera amor com uma moça e isso causara escandalosa repercussão na vizinhança. E acabei sendo indiciado pelo Delegado. Todavia, antes de ser procurado, apresentei-me espontaneamente com o intuito de contar a verdade, toda a verdade e nada mais do que a verdade.

Ao chegar à Delegacia, percebi que havia uma fila muito grande de pessoas que também iriam depor. Passei muito tempo na fila, agoniado, esperando a minha vez, momento em que iria contar a verdade, toda a verdade e nada mais do que a verdade.

E chegou a minha vez. Observo que o Delegado tem um gravador *Geloso*, bem igualzinho àquele que eu tinha em casa. Naquele tempo, os gravadores eram alimentados diretamente na corrente elétrica.

Então, no momento em que eu me sentei para contar a verdade, toda a verdade e nada mais do que a verdade, faltou luz. O depoimento não podia ser feito, pois não podia ser gravado. O Delegado dispensou-me e dispensou a todos os que estavam atrás de mim na fila. Magoadíssimo e profundamente frustrado, acordei.

* * *

Minhas primeiras tentativas de tratamento psicológico haviam acontecido uns quatro anos antes. Em Curitiba, conhecera um psicólogo francês que orientava e tratava os alunos de uma escola de segundo grau. Mas também atendia pessoas da comunidade. Fui consultar-me. Ele me atendeu muito bem. E me disse que eu não precisava de me submeter a testes, pois não era necessário. E recomendou-me que, antes de dormir, eu me debruçasse no assoalho, como fazem os muçulmanos, e repetisse umas quantas vezes: *Eu posso! Eu sou capaz! Eu vencerei!* Curiosamente, o psicólogo se chamava *Dr. Perdu!*

Saí da entrevista totalmente desengano. Nunca pratiquei os conselhos dele e não mais voltei.

* * *

A partir do sonho, que se seguiu ao filme *Freud além da alma*, pensei em me tornar psiquiatra ou psicólogo. Queria ser como Freud. Mas, nunca me encorajei a fazer medicina, por causa do vestibular. Pensei em fazer psicologia.

Naquele tempo, somente havia psicologia na PUCRGS. Mandei-me de mala e cuia para Porto Alegre. Consegui morar na *Casa do Estudante Aparício Cora de Almeida*. Não passei nos testes psicológicos da PUCRS que selecionavam antecipadamente os candidatos ao vestibular. Decidira-me fazer Psicologia e Letras. Letras, para justificar meu magistério, pois, já era professor em Santa Catarina, a título precário. No Rio Grande do Sul, para ser professor estadual, era necessário pelo menos estar no segundo ano de um curso de formação de professores. Como não podia fazer psicologia, fiz vestibular para Direito (pela manhã, na URGs) e Letras (tarde, na PUCRS). Durante algumas manhãs, ou noite lecionava, primeiramente, nos colégios particulares, como Ruy Barbosa, Rosário, mas, logo, em 1967, quando estava no segundo ano de Letras, entrei no magistério estadual.

Primeiro em Santo Antônio da Patrulha e depois no Colégio Carlos Chagas, em Niterói, Canoas.

O salário de professor naquele tempo era forte. Por isso, me foi possível começar uma psicoterapia com um profissional kleiniano que atualmente é um velho psicanalista da IPA porto-alegrense. Estava indo muito bem nesse tratamento. Numa sessão, mostrei vontade de me tornar psicanalista. O kleiniano me explicou que primeiro eu teria que fazer medicina; que, em seguida, devia me tornar psiquiatra; e que, somente depois disso, poderia pensar em me tornar psicanalista. Isto iria me custar em torno de 13 a 14 anos. Não foi o tempo de preparação que me desenganou. Foi a exigência de ter que me tornar médico e psiquiatra como condição para ser psicanalista. Abandonei aquele tratamento.

Em seguida encontrei um profissional carusiano, com quem me tratei, primeiro, individualmente e depois em grupo. Passado um tempo, esse profissional carusiano foi para o nordeste. Mas, encaminhou o grupo todo para o Dr. Paulo Dutra Brandão. Bem cedo, vi-me fazendo duas sessões de grupo, semanalmente, e três sessões individuais de psicanálise por semana.

Terminando o curso de Letras, retornei a me submeter aos testes de psicologia e fui então admitido. Fiz vestibular para Psicologia. Mas, não pude ir adiante com os estudos do Direito. Matriculei-me mais de quatro vezes no quarto ano de Direito, mas, não conseguia realizar os estágios concomitantes. Trancava a matrícula e por fim desisti da graduação em Direito.

Formado psicólogo, já com bastante percurso em psicanálise pessoal de divã, abri consultório, paralelamente a meu trabalho de magistério, de emprego de psicólogo profissional e mestrando em psicologia clínica. Logo me saí bem com clínica infantil e terminei o mestrado.

Consegui especializar-me, com profissionais argentinos, da Escola de Pichón-Rivière, tanto em psicoterapia de grupo, familiar e de casais. Mas, meu desejo era começar com o exercício da escuta psicanalítica.

Parecia que tudo estava se encaminhado para eu começar essa atividade, pois, já encerrara o mestrado em psicologia clínica e estava prestes a defender a dissertação. Então, meu psicanalista falece repentinamente.

Como um psicanalista do mesmo grupo de meu antigo psicanalista se me apresentou dizendo que tinha horas para me atender, caso eu quisesse, não pestanejei. E três vezes por semana eu me mandava para São Leopoldo, inclusive sábados. Todavia, no momento em que esse meu psicanalista tentou tolher-me a prática da psicanálise com divã, eu abandonei o tratamento. Foi muita sorte. Pois, logo, minha clínica que era somente de crianças e de adolescentes, de grupos, de casais e de famílias, começou a ser clínica psicanalítica de verdade.

Depois de pouco tempo, os pacientes que antes eu encaminhava para os psicanalistas da instituição onde eu estava, primeiro como postulante a candidato a psicanalista e depois como candidato a psicanalista, esses pacientes ficaram na minha clínica mesmo. Creio que minha atitude de me desligar da instituição - considerada hipocritamente por alguns deles como exclusão e ou mesmo expulsão - os feriu muito mais no bolso do que na profissão, pois, eu era um dos poucos que lhes enviava muitos pacientes.

Encontrava então supervisão com alguns colegas veteranos, especialmente argentinos. Naquele tempo, devido à perseguição política na Argentina, era comum haver psicólogos e psiquiatras, clandestinos ou itinerantes em Porto Alegre.

Eu descobrira Lacan, via lingüística, durante meu curso de Letras, e, depois, via apresentação de caso, por lacaniano, Durval Checchinato, que apresentou um trabalho num Congresso de Psicologia Clínica, no qual era examinado o diagnóstico estrutural e o tratamento de uma esquizofrênica, paciente dele. Soube mais tarde, por ele, que essa esquizofrênica se havia suicidado por defenestração.

Entre os argentinos itinerantes que vinham a Porto Alegre, havia um que não era clandestino e que marcou o lacanismo em Porto Alegre: Roberto Harari. Foi em algumas sessões do Seminário dele, no então Círculo Carusiano de Psicologia Profunda, de Porto Alegre, que seria trocado para Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul, onde estava inclusive meu psicanalista, Paulo Dutra Brandão, que Roberto Harari nos passou mais de perto e profundamente o que vem a ser a psicanálise e a clínica lacanianas. Infelizmente, os então carusianos, inclusive meu psicanalista Paulo Dutra Brandão, o qual lia e estudava, em francês, o Seminário 11 e 01 de Lacan, consideravam que esse psicanalista argentino era um filósofo e não um psicanalista...

No início de 1983, tive oportunidade de ir a um congresso de lacanianos, no Recife. Participara, também, de outros encontros em Campinas e São Paulo, com os lacanianos dos CEFs ou Centros de Estudos Freudianos espalhados no Brasil. Mas, minha conversão ao lacanismo deu-se realmente em 1983.

Com a vinda de lacanianos franceses ao Brasil, especialmente, com o ítalo-francês Contardo Luigi Callegari, tive chance de realizar uma psicanálise lacaniana *stricto sensu*. Minha clínica então recebeu uma reviravolta que eu a comparo com a reviravolta que Freud fez, quando abandonou a psicoterapia ativa e hipnótica, a fim de se entregar totalmente à escuta psicanalítica. Desfiz todos meus grupos de psicoterapia. Não mais fiz psicoterapia de casais nem de família.

Mas, a pesquisa que me levara a fazer mestrado em psicologia clínica não podia ser abandonada. Realizava-a no campo da psicologia das aprendizagens da matemática, da lógica e da alfabetização. Depois, com quase 50 anos, com mulher e dois filhos pequenos, mandei-me de mala e cuia para Paris, onde fiz, durante quatro anos, de 1989 a 1993, estudos doutorais dirigido por Pierre Fedida.

Pierre Fedida, fundador do *Laboratoire de Psicopatologie Fondamentale*, antes de romper com Jean Laplace, dirigia pesquisas de doutorado no *Centre de Recherche en Psychanalyse e Psychopathologie*. Essa cisão que separou de Jean Laplanche, o judeu *pied-noir*, Pierre Fedida, me beneficiou, burocraticamente, pois que no fim recebi título de doutor tanto de uma como de outra instituição, embora eu tenha requerido o diploma somente em uma. Nem Freud foi doutor ao mesmo tempo em psicanálise e psicopatologia!

Aliás, é curioso comparar o que se passou com Freud e comigo em Paris. Ele ficou não mais do que quatro meses! Eu fiquei quatro anos! Mas, se medirmos os efeitos dessas estadias... quanta diferença! Em todo o caso, meus estudos doutorais, num trabalho de 800 páginas, reduzidas a 400, mostram e demonstram o que vem a ser a pesquisa psicanalítica de Freud e de Lacan, confrontada com as outras pesquisas universitárias ou pára-universitárias.

Outra coisa curiosa era a sede do *Centre de Recherche em Psychanalyse e Pscopathologie*, um arsenal universitário da IPA francesa, legalmente ligado à *Université Denis Diderot Paris VII*, mas hospedado justamente no terceiro andar da *Paris III*, no *Centre Censier*. De lá, desse terceiro andar, olhando para baixo, no rés do chão, no outro lado da estreita *rue de la Clef*, estava a sede da *Association Freudienne*, que depois se

mudou de lá e passou a se chamar de *Association Freudiente Internationale* e que agora se chama *Association Lacanienne Internationale*. Clandestino na universidade francesa, eu não poderia ser clandestino entre os lacanianos!

Todavia, entre os lacanianos, não me passei nem para o lado do chefe Melman nem do lado do chefe Miller. Naquele tempo, havia 18 associações lacanianas em Paris! Essa diversidade revela que o lacanismo é uma comunidade, e que, quando as instituições não o trucidam a pervertem, essa comunidade tende a ressurgir com muita força como movimento. Aqui no Brasil esse movimento teve imensa repercussão com aquilo que se denominava "Lacano-Americano".

Conheci pessoalmente em Paris, em dois ou três encontros, a Gérard Haddad e o Seminário que apresentava. Lembro-me de ter conversado com ele, embora brevemente, sobre diversos assuntos, especialmente me lembro de duas conversas mais prolongadas sobre as aproximadamente 12 horas da obra cinematográfica *Shoah*, por Claude Lanzmann (1985), que me parece, agora, devido à forma excelente de narrativa, um *pendant* da redação viva e vívida do longo relato da psicanálise de Gerard Haddad com Lacan. De fato, Claude Lanzmann, talvez inspirado num acontecimento atribuído a Primo Levi (cf. <http://aaeblog.com/2010/02/17/hier-ist-kein-warum/>), confessa ter compreendido durante a construção do monumental documentário que o verdadeiro conhecimento possível passa pela mediação de um trabalho (cf. Lanzmann, *Shoa, événement originaire ou l'impossibilité de représenter*, in *Jerusalem* (Psychanalyse/Culture, n° 3, 1989-1990, p.3).

Escusado é dizer que para todo psicanalista esse trabalho e esse *événement originaire* é a psicanálise pessoal. Sabemos, então que quando Primo Levi, apenas chegado como prisioneiro a um campo de concentração nazista, apanhou um pedaço de gelo para matar a sede desesperada por quê passava, um guarda chutou-lhe das mãos o pedaço de gelo. Primo Levi então pergunta: - *Warum?* (por quê?) e o guarda lhe responde com palavras que hoje se tornaram uma célebre citação? *Hier ist kein warum!* (aqui não há nenhum porquê). cf <http://www.arte.tv/de/Die-Welt-verstehen/Shoah/3029998.html>.

Curiosamente, o evento originário de uma psicanálise pessoal também não tem porquê e é impossível de representação.

Ao ler a história da psicanálise pessoal de Gerard Haddad não pude não lhe promover a leitura, como então, em Paris, promover diversas vezes a exibição da obra de Lanzmann. Aliás, durante um semestre, no início dessa década, iniciamos a composição de uma possível biblioteca de psicanalistas. Essa biblioteca vem ganhando corpo e, depois de compararmos as diversas obras de psicanalistas, a de Haddad, sem dúvida, nos pareceu ser a mais incisiva.

Encerro esse relato sugerindo uma lista de alguns nomes cujos relatos podem participar na formação de uma Biblioteca do Psicanalista.

E penso que, como psicanalista, ter contribuído, do meu jeito, com esse texto, embora não com o brilhantismo de um escritor paciente psicanalista, para o enriquecimento desse emergente que é a literatura dos pacientes psicanalistas ou Biblioteca do Paciente Psicanalista.

Sugestão de uma lista inicial de obras para uma Biblioteca do Paciente Psicanalista:

- .01) Paul Schreber
- .02) **Serguei** Pankejeff,
- .03) Smiley Blanton
- .04) Stuart Schneiderman

- .05) Marie Cardinal
- .06) Betty Milan (continuará)